

REDESCRIÇÃO DE *COREMATURA*
BUTLER, 1876 E DE SUAS DUAS ESPÉCIES
(*LEPIDOPTERA CTENUCHIDAE*)

por

LAURO TRAVASSOS FILHO

INTRODUÇÃO.

Em nosso trabalho de 1938, interpretamos como “cones pilosos” certas formações abdominais de *Corematura chrysogastra*. Mais tarde, quando nos foi possível melhor analisar estes órgãos, verificamos que estes “cones pilosos” nada mais são do que os sacos odoríferos abdominais, caráter sexual dos machos, os quais, quando retraídos na cavidade abdominal, mostram aquele aspecto por ficarem com os pêlos justapostos. No presente trabalho corrigimos o erro de interpretação comentado.

Ainda em nosso trabalho de 1938, interpretamos erradamente como “harpa” a porção dorsal da valva, e a isso fomos levados por uma excessiva diafanização das genitálias examinadas. Reestudando o material constatamos o erro, e apresentamos as figuras agora corrigidas.

Outro erro em nosso trabalho de 1938, acha-se na sua estampa I, fig. 1, em que foi por nós apresentado como ♀, o exemplar ♂, n. 14.269 — I.O.C. A verdadeira ♀ de *C. chrysogastra* é figurada no presente trabalho, na fig. 1, da estampa 1.

Mas, êsse reestudo do material do nosso trabalho anterior e seu confronto com novos exemplares, de outras proveniências, veio evidenciar a existência de uma espécie muito próxima a *chrysogastra*, mas de distribuição geográfica mais meridional. Relacionamos êsses exemplares à espécie que GUÉRIN descreveu de um exemplar da Bolívia, com o nome de *postflava*, e que mais tarde foi considerada sinônima de *chrysogastra*, o que se verificou certamente por só terem sido comparadas nos característicos cromáticos, pois são tão semelhantes as duas espécies, que apenas pelos característicos da genitália dos machos podem ser facilmente separadas. Nada podemos dizer quanto às fêmeas, pois só nos foi possível examinar uma, de *chrysogastra*, por nós assim considerada por ser da mesma procedência que uma grande série de machos; acreditamos contudo que as fêmeas das duas espécies devam ser extraordinariamente semelhantes.

Aliás, não é este, em *Ctenuchidae*, o primeiro caso de espécies muito semelhantes voando uma ao norte, mais para a região ama-

zônica, e outra de distribuição mais meridional, bastando para isso citar o trabalho de TRAVASSOS, 1938. Pode-se mesmo dizer que nestes casos, as espécies são macroscópica e cromaticamente indistinguíveis, e só os característicos morfológicos as separaram com facilidade, perdurando contudo a hipótese de uma consideração subespecífica, uma vez que não foi constatada a superposição de áreas geográficas.

As abreviações encontradas significam: *I. O. C.*, para o Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro (Coleção Prof. Lauro Travassos); *M. N.* para o Museu Nacional do Rio de Janeiro; *D. Z.*, para o Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, cuja coleção é por nós estudada.

Agradecemos ao Prof. Lauro Travassos e ao Museu Nacional do Rio de Janeiro o material cedido para estudo. Somos particularmente gratos ao Sr. ALBERTO BREYER, de Buenos Aires, Argentina, não só pelo empréstimo de seus exemplares para estudo, como pelo exemplar oferecido para a coleção do Departamento de Zoologia, onde recebeu o n. 50.956 da coleção de Lepidoptera, demonstrando assim o seu alto espírito de compreensão pelos estudos de zoologia sistemática, compreensão ainda mais louvável por tratar-se de um colecionador particular, colecionadores estes não raros possuidores de doentio ciúme pelos exemplares que possuem e raramente estudam.

Corematura Butler, 1876

ORTÓTIPO: *Corematura chrysogastra* (Perty, 1834).

Distr. geográfica: América do Sul.

SINÓNÍMIA: *Corematura* Butler, 1876, p. 403 (Tipo: *C. chrysogastra*, Perty); Kirby, 1892, p. 152, n. 144 (cit. sin.); Hampson, 1898, p. 346 (Tipo: *C. chrysogastra*); Zerny, 1912, p. 101 (cit. sin.); Draudt, 1915, p. 121, n. 65 (ed. franc.); Travassos Filho, 1938, pp. 259, 262 (Tipo: *C. chrysogastra* (Perty, 1834)).

DESCRIÇÃO.

Probóscida habitual; palpos voltados para o vertex da cabeça, o terceiro artigo curto e voltado para a frente. Antena bipectinada, apófises curtas na ♀, compridas no ♂, são discretamente dilatadas na extremidade e terminam por uma cerda. Tibias médias e posterior com espinhos moderados. Asas com aspecto habitual, transparentes. Nervulação da asa anterior: R^s pecioladas depois do ângulo superior da célula; R^1 termina no ápice da asa; M^1 parte do ângulo superior da célula; M^2 e M^{3+4} do ângulo inferior da célula; Cu^1 e Cu^2 da célula, bem separadas; nervura *A* habitual. Nervulação da asa posterior: célula grande; $Sc+R^s$ e M^1 partindo do ângulo superior da célula; M^2 e M^{3+4} do ângulo inferior; Cu^1 e Cu^2 da célula, bem separadas; nervuras A^{1+2} e A^3 habituais.

Abdômen bem desenvolvido, discretamente comprimido nos lados dos segmentos 3 e 4, terminando por farto tufo anal no ♂, tufo moderado na ♀; ♂ com órgão odorífero formado por sacos extrovertíveis, ocultos no abdômen quando retraídos.

ESTAMPA 1

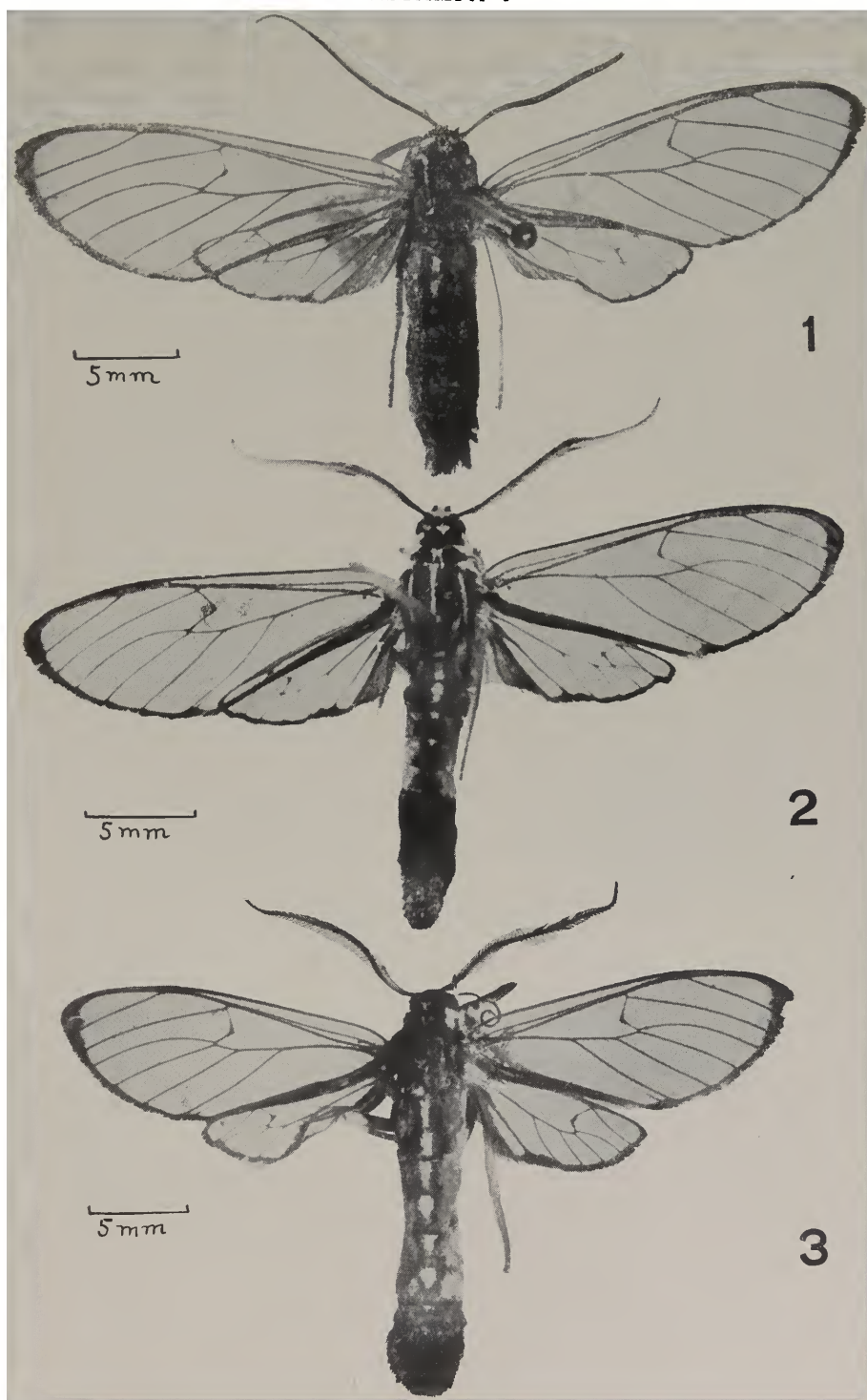
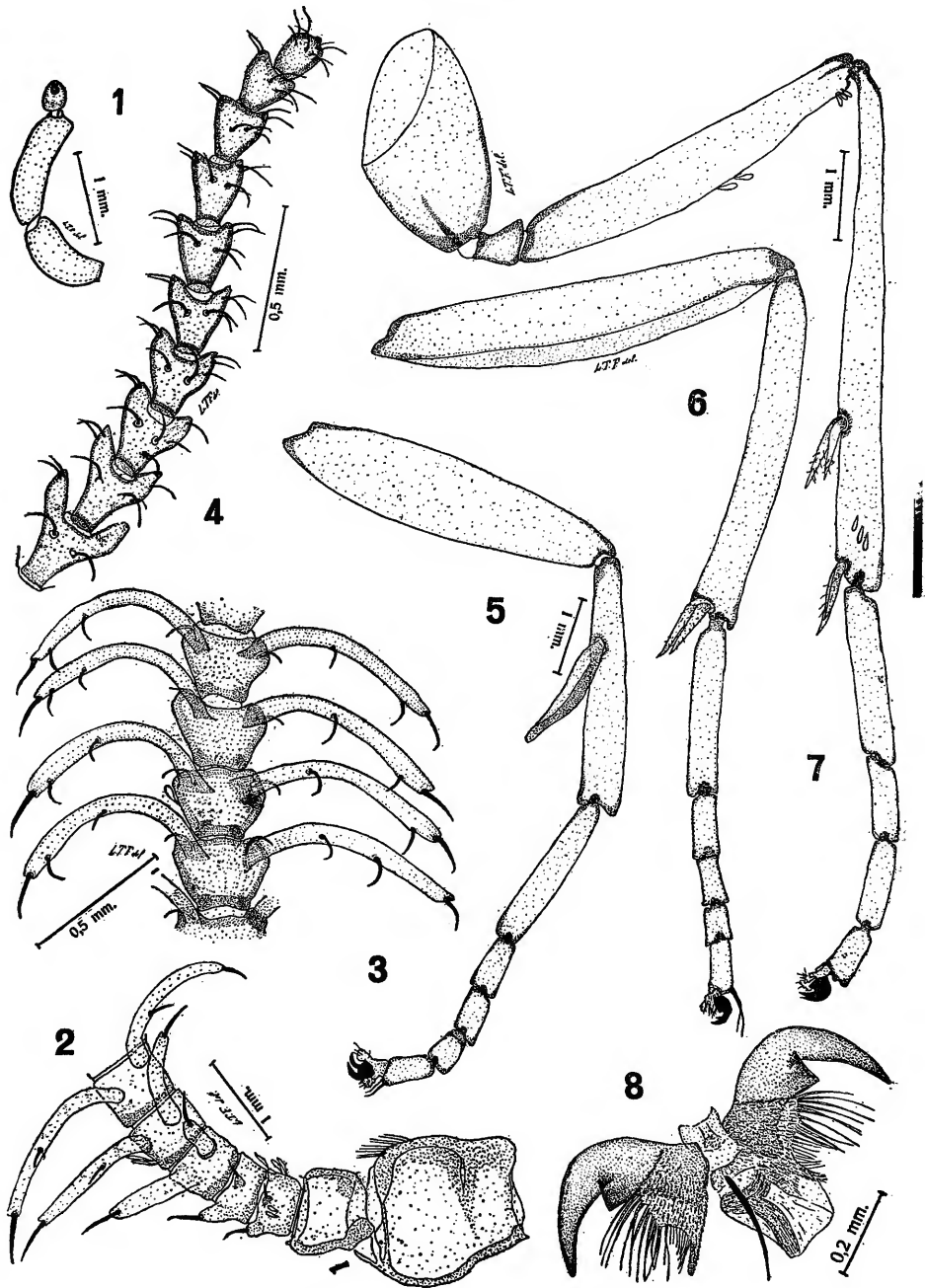


Fig. 1 — *Corematura chrysogastra* — ♀, n. 14.273 — I.O.C.: *allotypus*.
Fig. 2 — *Corematura chrysogastra* — ♂, n. 14.275 — I.O.C.
Fig. 3 — *Corematura postflava* — ♂, n. 50.498 — D.Z.



Corematura chrysogastra:

- Fig. 1 — Palpo labial do ♂.
 „ 2, 3, 4 — ♂, n. 14.323 — I.O.C.: artículos basais, medianos e terminais da antena direita.
 „ 5, 6, 7 — ♂, n. 14.323 — I.O.C.: pernas anterior, média e posterior.
 „ 8 — ♂, detalhe das garras tarsais.

Genitália do ♂ complexa, décimo tergito com o formato de um grosso Y; nono tergito encurtado e chanfrado na base, apresenta expansões que ladeiam o décimo tergito. Valva com a porção superior basal lamelar. *Penis* curto, *vesica* muito grande, *cornutus* com a forma de um grande espinho. Sobre a genitália da ♀ nada se pode adiantar por ser conhecida apenas um exemplar (ver as figuras referentes).

Compreende duas espécies: *Corematura chrysogastra* (Perty, 1834) e *C. postflava* (Guérin, 1844), estudadas a seguir. A outra espécie até então considerada como deste gênero, foi por nós dele afastada, e será objeto de trabalho próximo.

Corematura chrysogastra (Perty, 1834).

HOLÓTIPO: ♂, in Zool. Samm. Bayerischen Sts., München, Alemanha.

ALÓTIPO: ♀, in col. TRAVASSOS, Inst. Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.

LOCAL. TIPO: Brasil, região amazônica.

DISTR. GEOGR.: *Brasil*, no Estado do Amazonas: região amazônica e nas localidades de São Paulo de Olivença, Rio Preto e S. Jerônimo (Rio Solimões). *Perú*: Juaripuí e Chanchamayo. *Equador*: Archidona.

REFERÊNCIAS E SINONÍMIA:

Glaucoipsis chrysogastra PERTY, 1834, p. 157, est. 31, fg. 10.

Eumomia abdominalis WALKER, 1856, p. 1617-1618, ♂.

Lagaria abdominalis WALKER, 1864, p. 89, ♂.

Corematura chrysogastra BUTLER, 1876, p. 403, n. 1 (cit. sin.); KIRBY, 1892, p. 152, n. 1 (cit. sin. & geog.); HAMPSON, 1898, p. 346-347, n. 763, fg. 162, ♂ (nec Bolívia); ZERNY, 1912, n. 101 (cit. sin. & geog.) (nec Bolívia); DRAUDT, 1915, p. 122 (ed. franc.), fg. 18g (nec Bolívia); TRAVASSOS FILHO, 1938, pp. 260-262, ♂ ♀, fgs. ♂ (fg. ♀ = erro).

DESCRIÇÃO GERAL.

Colorido Geral: dorsalmente preto, com pontos e linhas amarelas; asas transparentes; abdômen com manchas vermelhas laterais; ventralmente amarelo; tufo anal preto, bem desenvolvido nos machos.

Dimensões Gerais: As dimensões apresentadas, comprimento e largura dos principais segmentos do corpo, foram tomadas do seguinte modo: na cabeça o comprimento foi medido na maior distância entre a fronte e o occipício, e a maior largura entre os olhos. No tórax, o maior comprimento foi medido dorsalmente e a largura tomada entre as inserções das asas anteriores; na asa anterior o comprimento foi medido da inserção ao ápice, e a largura tomada em linha perpendicular ao ângulo anal; na asa posterior o comprimento foi tomado também da inserção ao ápice e a largura a maior medida perpendicularmente ao bordo costal. No abdômen o comprimento indicado não inclui o tufo anal, e a largura foi tomada na base, sobre o *tympanum*. As medidas foram feitas em exemplares que não mostravam sinais de compressão; quando faltou condição satisfatória foi indicado "prejudicado"; as dimensões da ♀ foram tomadas do alótipo, único exemplar disponível.

Ex. n.º:	Comprimento por largura, em mm:					
	Cabeça	Tórax	Asa anterior	Asa posterior	Abdômen	Compr. total
♂ — 71.314 — M.N.	1,3 x 2,1	4,0 x prej.	14,8 x 6,0	8,0 x 3,6	9,4 x 2,5	± 15 mm
♂ — 50.500 — D.Z.	1,6 x 2,5	5,0 x 3,7	16,8 x 6,9	9,4 x 4,5	11,0 x 2,7	± 18 mm
♂ — 14.275 — I.O.C.	1,8 x 2,5	4,5 x 3,3	17,4 x 6,5	9,5 x 4,0	10,7 x 3,3	± 17,5 mm
♀ — 14.273 — I.O.C.	1,5 x 2,4	4,7 x prej.	19,0 x 7,2	10,5 x prej.	11,0 x 3,5	± 17,5 mm

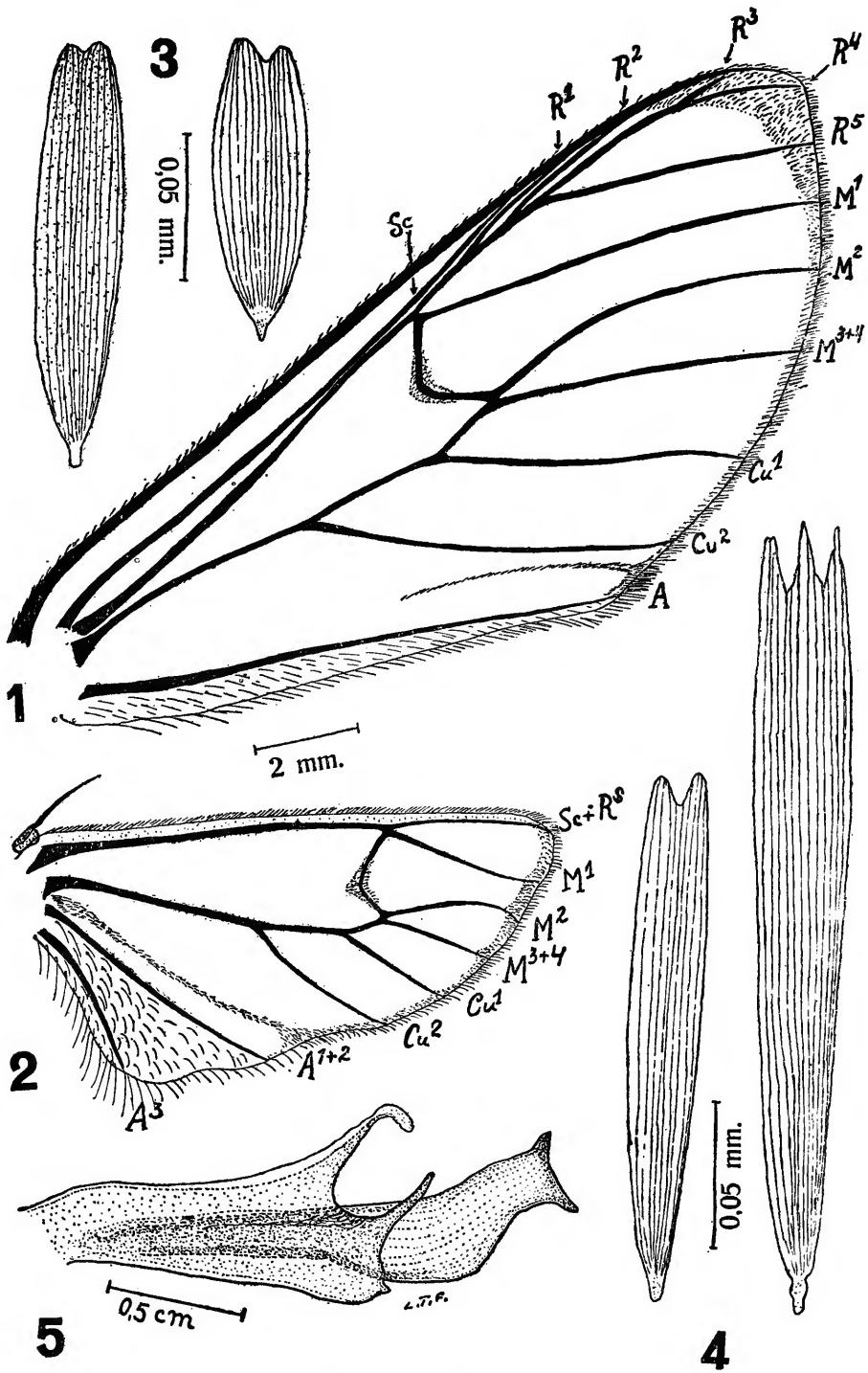
DESCRİÇÃO DO ♂.

CARACTERES CROMÁTICOS.

A descrição é baseada no exemplar ♂, n. 14.275 — I. O. C., e as variações apresentadas em seguida.

CABEÇA. Vertex preto com uma mancha triangular amarela, que não atinge a linha de inserção das antenas, e cujo vértice está voltado para o tórax; fronte com uma faixa amarela em forma de *U* invertido, limitando uma porção central preta; na metade inferior da fronte há longas escamas amarelas que se entrecruzam na frente; genas e região post-ocular amarelas; antena preto acastanhada brilhante; olhos pretos, ocelos claros; palpos com o primeiro artigo completamente amarelo, o segundo artigo amarelo com faixas pretas laterais, afiladas para a base; terceiro artigo pequeno, completamente preto, como remate das faixas pretas laterais do segundo artigo.

TÓRAX. Dorsalmente preto, com uma linha mediana amarela em todo o comprimento, inclusive no escutelo; há uma rala escamosidade amarela por baixo da extremidade da tégula, após e acima da inserção das asas; lateralmente o tórax tem escamosidade amarela intensa, principalmente junto à inserção das asas, com alguns grupos de escamas pretas de difícil observação. Patagia preta, com duas manchas amarelas na borda anterior, uma externa e outra que ocupa toda a borda interna, mancha esta contígua à da patagia oposta, simulando uma mancha única, mediana; tégula com a porção anterior externa amarela, colorido que se expande pela borda externa, e se continua por uma linha que percorre a tégula pelo meio em todo o seu comprimento, formando uma linha amarela paralela à linha mediana do tórax. Pernas amarelo intenso de um modo geral; perna anterior com as coxas amarelo-pálidas, fêmur com um salpicado de escamas pretas na face interna; tibia, de tonalidade amarela intensa, apresenta uma escamosidade preta na face externa, junto da inserção ao fêmur; tarsos amarelos, com discreto tom alaranjado, e irregularmente salpicados de escamas pretas nas porções distais dos artigos, principalmente na face interna. Perna média com fêmur e tibia amarelo intenso, o fêmur apresentando uma estreita faixa de escamas pretas na borda distal e a tibia apresentando uma escamosidade preta na porção proximal externa, e um salpicado muito esparso por toda a face externa. Perna posterior amarela, fêmur com escamosidade preta rala nas faces interna e externa; tibia com escamosidade preta na borda posterior, formando uma faixa longitudinal que é mais intensa distalmente e que se continua como linha preta na borda posterior dos tarsos; face interna dos tarsos amarelada, o restante com intenso salpicado preto. Asa anterior transparente, a membrana com tom amarelado, as nervuras com escamosidade preta; a faixa marginal preta é bem nítida.



Corematura chrysogastra ♂ :

Figs. 1, 2 — ♂, n. 14.321 — I.O.C.: asas anterior e posterior.

„ 3, 4 — tipos de escamas das asas.

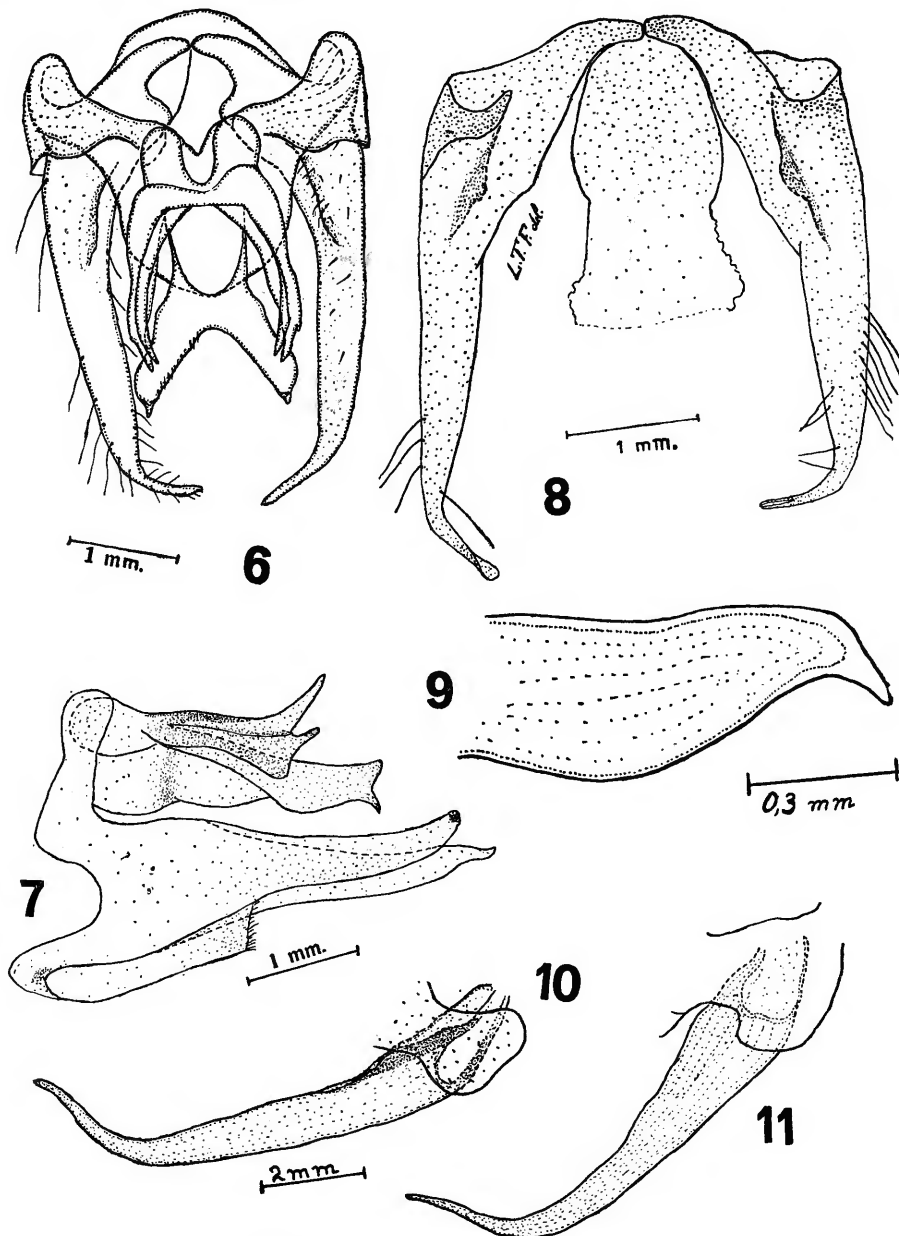
Fig. 5 — ♂, n. 14.322 — I.O.C.: Vista lateral do décimo tergito e expansão do nono.

a partir de pouco mais da metade da borda anterior, contornando a asa até a área anal; na base da asa, junto à inserção, há uma mancha amarela irregular. Face inferior também com escamosidade preta nas nervuras e em toda a faixa marginal, e uma faixa de escamas amarelas na metade basal da área anal; base com escamosidade amarela; retináculo preto, com a base amarelada. Asa posterior transparente, com a membrana ligeiramente amarelada, as nervuras com escamosidade preta. Dorsalmente a borda costal é opaca, com escamosidade pardacenta; na borda externa a faixa marginal é preta; área anal opaca, também preta; na nervura transversal há uma escamosidade mais acentuada, quase formando uma mancha lunular; na base há escamas amareladas. Ventralmente a faixa marginal é preta, tendo, na borda costal, uma risca de escamas amarelas, que quase atinge o ápice; a base da asa e toda a escamosidade anal é amarela, colorido que se insinua pela porção basal da prega membranosa posterior, entre os troncos cubital e anal; as longas escamas da margem interna também são amarelas, mesclando-se com as longas escamas pretas da porção dorsal.

ABDÔMEN. Porção dorsal predominantemente preta; na linha mediana há manchas amarelas que formam linha interrompida dos tergitos 1 a 4; nos tergitos 1 e 2 as manchas amarelas são compridas e contíguas, ao passo que nos tergitos 3 e 4 são representadas por manchas amarelas grosseiramente triangulares, junto à borda proximal de cada tergito; há algumas escamas amarelas na borda proximal do tergito 5, que não chegam a formar mancha. O *tympanum* tem a metade dorsal preta, com algumas escamas amarelas bem dorsais, e a metade ventral é amarela; a porção látero-terminal do tergito 2 tem colorido amarelo com esparsas escamas vermelhas, e na porção amarela há uma mancha preta ao redor do espiráculo; na metade distal do tergito 2 e nos tergitos 3, 4 e 5, a escamosidade lateral é vermelha, restringindo dorsalmente, nos tergitos 3, 4 e 5, o colorido preto à manchas pretas grosseiramente triangulares, em cujas bases acham-se as manchas amarelas já descritas; essa escamosidade vermelha chega até pouco abaixo da linha tergo-esternal, encontrando-se com o colorido amarelo da porção ventral. O tergito 6 é preto, com ralo salpicado de escamas vermelhas que se agrupam em discreta mancha lateral na borda distal; do tergito 6 em diante, incluindo o tufo anal, o colorido é preto brilhante. A porção ventral do abdômen é uniformemente amarela da base até o esternito 6; o esternito 7 é preto, com escamosidade amarela apenas nas margens proximais laterais, ao nível do plano tergo-esternal, como continuação do colorido amarelo dos esternitos precedentes; adiante do esternito 7 começa a farta escamosidade preta que rodeia a genitália, destacando-se dois feixes de longas escamas amarelas, situados na porção correspondente ao esternito 8. As valvas, com farta escamosidade preta, apresentam escamas amarelas na sua porção basal, embora só seja vista quando se expõe a genitália, que é completamente oculta pelo tufo anal preto.

VARIAÇÕES. A escamosidade amarela se mostra variável nas áreas em que se distribue, interferindo assim nas áreas de escamosidade preta; a intensidade da cor amarela também varia, do pálido até muito intensa, quase alaranjada. As faixas pretas laterais da extre-

midade dos palpos podem chegar ao primeiro articulo e a escamosidade amarela pode atingir o terceiro articulo, na frente. A escamosidade preta das pernas pode chegar a formar riscas bem nítidas (ex. n. 50.500 — D.Z.).



Corematura chrysogastra, ♂ :

- Fig. 6 — n. 14.322 — I.O.C.: vista dorsal da genitália (sem o *penis*).
 „ 7 — n. 14.322 — I.O.C.: vista lateral do décimo tergito, expansões do nono e valvas.
 „ 8 — n. 14.323 — I.O.C.: aspecto das valvas e *juxta*.
 „ 9 — n. 71.315 — M.N.: vista lateral da terminação do décimo tergito.
 „ 10, 11: dois aspectos da mesma valva.

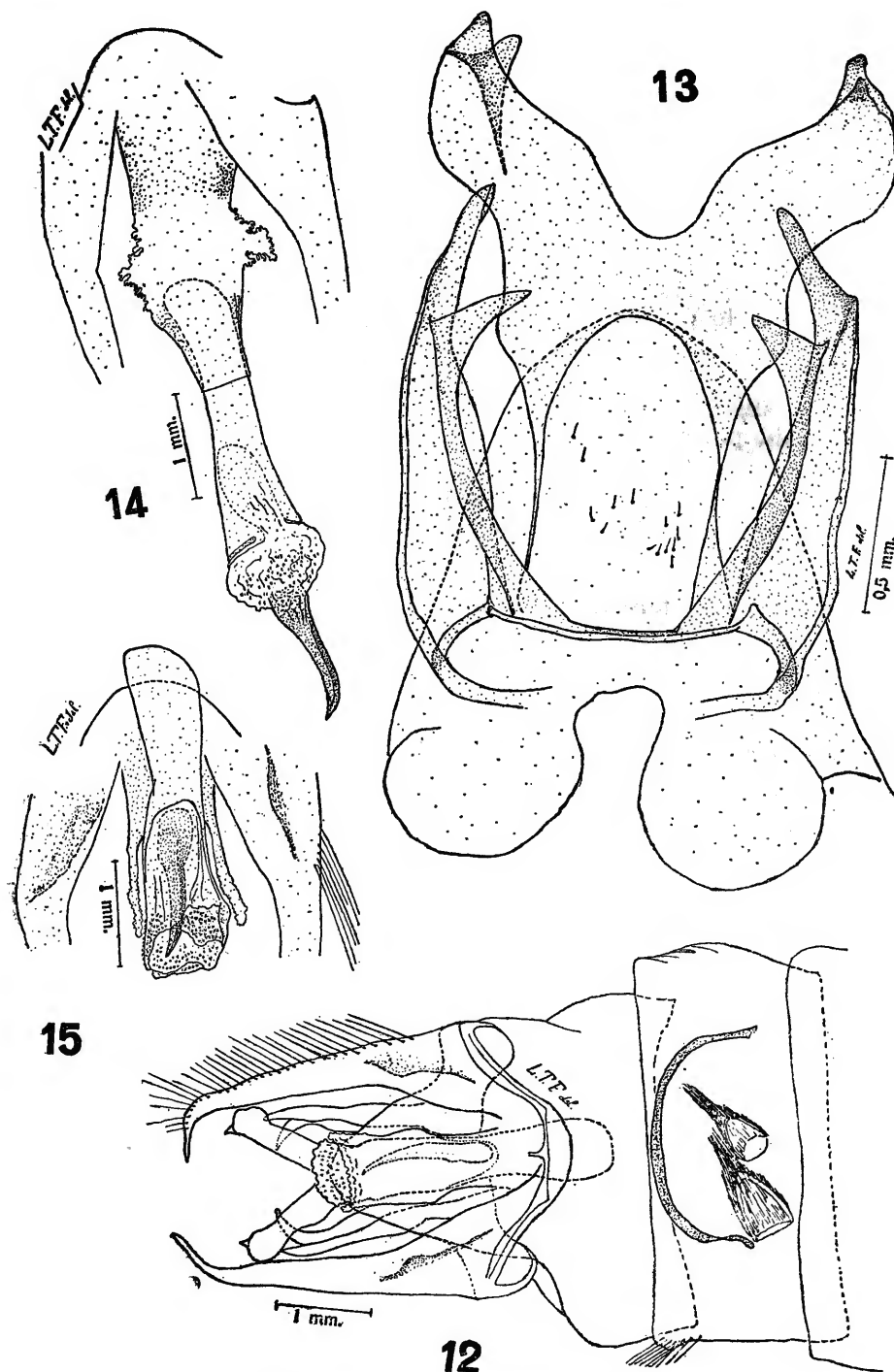
As manchas amarelas dorsais do abdômen variam muito; no ex. 14.270 — I.O.C., há apenas uma pequena mancha amarela no tergito 1, entre o *tympanum*, e relativamente poucas escamas amarelas na porção proximal do tergito 2, não havendo escamas amarelas nos tergitos seguintes. Ao contrário, o ex. n. 71.314-M.N. apresenta nítidas manchas amarelas, quase formando uma linha, até o tergito 6, havendo ainda escamas amarelas na base do tergito 7, formando uma pequena mancha. Entre as variações extremas apresentadas por estes dois exemplares, encontram-se diversos intermediários, sendo mais frequente, na nossa amostra, a presença de manchas amarelas até o tergito 4.

A área de colorido vermelho, nas porções laterais do abdômen, apresenta variações; no ex. 50.501-D.Z. a escamosidade vermelha do tergito 6 ocupa larga área, ao passo que no ex. 50.500-D.Z. há nesse mesmo tergito apenas algumas escamas vermelhas nas bordas látero-distais. Ainda nesse último exemplar a escamosidade vermelha chega a atingir parte das bordas dos esternitos, ao passo que em outros fica restrita à linha espiracular. Em alguns exemplares há escamas vermelhas esparsas no dorso, como que unindo dorsalmente as manchas vermelhas laterais (ex. n. 14.269-I.O.C.), e no ex. n. 1.960 I.O.C. a mancha vermelha do tergito 4 atinge a mancha amarela dorsal, quase a envolvendo.

CARACTERES MORFOLÓGICOS

CABEÇA. Aspecto habitual. Olhos e ocelos habituais. Antenas com 12 a 14 mm de comprimento e cerca de 60 a 62 artículos; cada artículo a partir do terceiro basal, apresenta um par de apófises discretamente claviformes, que atingem o máximo de comprimento do artículo 10 ao artículo 20, quando medem cerca de 0,75 mm de comprimento, passando então a diminuir progressivamente até a extremidade; os últimos artículos são desprovidos de apófises (figs. 2, 3, 4, est. 2); cada apófise apresenta uma pequena cerda terminal, uma subterminal e ainda outra mediana, além de uma discreta pilosidade por toda ela. Palpo com aspecto habitual, sendo o artículo mediano o maior deles; terceiro e último artículo muito reduzido, discretamente voltado para a frente e quase oculto pela escamosidade própria (fig. 1, est. 2). Probóscida habitual, bem desenvolvida.

TÓRAX. Patagia e tégula habituais. Pernas com aspecto habitual; tarsos com garras fortes, que mostram um dente na metade basal, paroníchios com o lobo anterior flabeliforme e lobo posterior pequeno e espinhoso (fig. 8, est. 2); tibia da perna anterior medindo cerca de 3 mm e a epífise cerca de 1,5 mm de comprimento; tibia média com cerca de 4 mm e o par de espinhos apicais medem cerca de 0,8 mm de comprimento; tibia posterior medindo cerca de 5,5 a 6 mm de comprimento, o par de espinhos apicais medindo cerca de 0,8 mm de comprimento, e o par de espinhos sub-apicais com cerca de 1 mm de comprimento (figs. 5, 6, 7, est. 2). Asas transparentes, com o formato apresentado nas figuras 1 e 2, e com diversos tipos de escamas na franja marginal (figs. 3 e 4); células terminais com ligeira pubescência; nervuras revestidas de escamas. Nervulação da asa anterior



Corematura chrysogastra, ♂ :

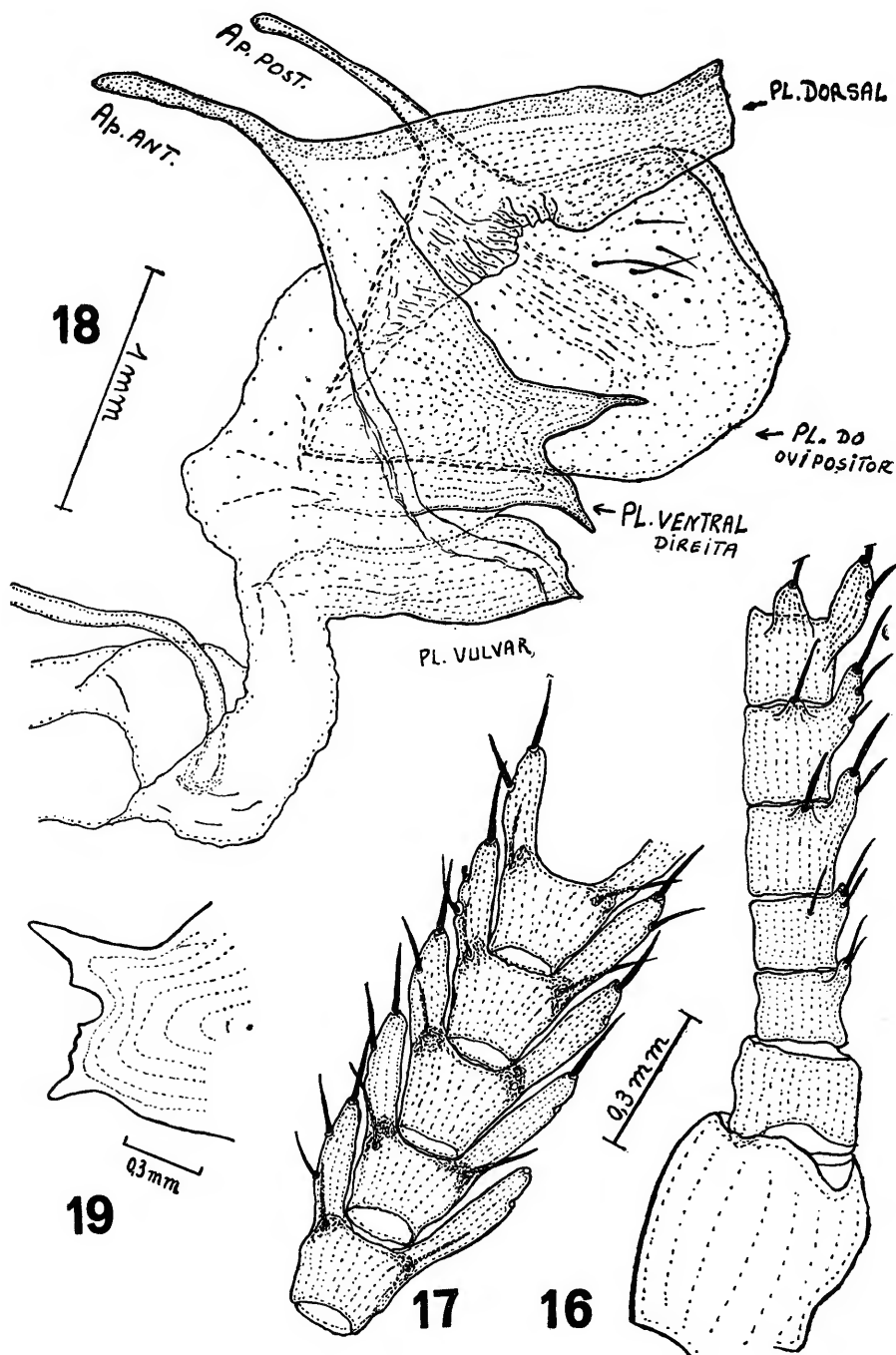
- Fig. 12 — n. 14.322 — I.O.C.: vista ventral da genitália completa e sacos odoríferos.
 „ 13 — n. 14.323 — I.O.C.: vista dorsal do nono e décimo tergitos.
 „ 14 — n. 14.323 — I.O.C.: penis e juxta.
 „ 15 — A mesma peça da fig. anterior, em posição retraída.

(fig. 1): S^c habitual, terminando bem depois da nervura transversal; R^1 , R^2 e R^3 terminam na borda costal; R^4 no ápice da asa e R^5 abaixo-dêste. M^1 partindo do ângulo anterior da célula, junto ao tronco radial ou ligeiramente afastada dêste, termina na borda da asa; M^2 , arqueada, e M^{3+4} partindo de origem comum no ângulo inferior da célula, ou ligeiramente afastadas nessa origem, terminam na borda livre externa da asa. Cu^1 com origem abaixo do ângulo inferior da célula, e Cu^2 originando-se aproximadamente no meio do lado inferior da célula, ligeiramente arqueada para cima, termina na borda externa da asa; pregas membranosas discretas, a posterior mais evidente entre Cu^2 e A ; nervura A forte, acompanhando a borda interna, termina no ângulo posterior da asa. Refináculo habitual. Nervura transversal em ângulo reto, com os ramos iguais ou o posterior pouco maior. A escamosidade foi descrita nos caracteres cromáticos.

Asa posterior com o frênulo habitual (fig. 2); nervulação: $Sc+R^5$ inicialmente paralela a borda anterior, tangenciando-a no fim, termina no ângulo anterior da asa; nervura M^1 partindo do ângulo superior da célula, termina livremente na borda externa; M^2 , dirigindo-se para a frente e depois arqueando-se para trás, e M^{3+4} , com origens comuns no ângulo inferior da célula, terminam na borda externa; Cu^1 e Cu^2 com origens bem separadas, originam-se no tronco mediano-cubital e terminam na borda externa da asa; nervura A^{1+2} e A^3 terminam na borda externa da asa, A^3 paralela à borda interna. Nervura transversal habitual, ramo anterior bem maior do que o posterior. Prega membranosa anterior muito discreta, posterior evidenciada pela escamosidade que a recobre. A escamosidade restante foi descrita nos caracteres cromáticos.

ABDÔMEN. Bem desenvolvido, discretamente comprimido lateralmente nos segmentos 3 e 4. Órgão odorífero representado por um par de longos sacos contrácteis e extroversíveis, ocultos no abdômen, e que dele se escapam, quando distendidos, por abertura entre os esternitos 7 e 8, abertura esta habitualmente camuflada pelas escamas dos escleritos. Estes sacos odoríferos, extremamente delicados, são revestidos por longos e delicados pêlos, os quais, quando os sacos se acham retraídos, ficam justapostos, tomando os sacos o aspecto de cones pilosos, como mostra a fotografia (fig. 1, est. 3); quando porém se extrovertem, medindo então cerca de 9 mm, os pêlos se afastam, dando aos sacos aparência de maior diâmetro, deixando ainda ver a delicadeza da membrana e os pequenos cones em que se inserem os longos pêlos (fig. 2, est. 3 — peça diafanizada em creosoto).

GENITÁLIA. Complexa e forte. Décimo tergito (*uncus* dos AA.) alongado e grosso, com formato de um grosso Y, por ser dividido em dois fortes processos, cada um terminando em duas pontas (figs. 5, 6, 7 e 13). Nono tergito (*tegumen*) complexo, encurtado e chanfrado na base, apresenta um par de longas expansões projetadas para trás, que ladeiam o décimo tergito, como que abraçando-o; cada expansão tem a metade inferior mais esclerosada e mais comprida, terminando em ponta afilada dirigida para cima; sôbre esta porção mais esclerosada assenta-se a porção superior, delicada, com a borda dorsal livre quase transparente, e que termina também em ponta afilada dirigida para cima, ficando paralela à ponta da porção inferior. As



Corematura chrysogastra, ♀, n. 14.273 — I.O.C.

Fig. 16, 17 — antena: artigos basais e medianos.

„ 18 — Vista lateral da genitália.

„ 19 — extremidade esquerda da placa ventral (comparar com a fig. 18).

figuras 5, 6 e 7, além de outras em que aparece o nono tergito, mostram a situação do décimo tergito envolvido pelas expansões do nono. Tanto o décimo tergito como estas expansões do *tegumen* podem apresentar variações nas suas extremidades; o décimo pode ter as extremidades do Y terminadas apenas por uma ponta, em geral a ponta inferior, por grande redução ou ausência da outra (fig. 9).

Vinculus encurtado dorso-ventralmente, é bem alargado no sentido transversal; *sacus* discreto, quase ausente, ultrapassado pela base do *penis*, quando este está retraído (fig. 12). Valva com a base alargada no sentido dorso-ventral e esta mesma porção é côncava na sua face interna, de tal modo que a parte dorsal quase laminar, apresenta-se em vista dorsal, como delgada e curta lâmina implantada na valva, simulando uma harpa (como tal foi desenhada e figurada erradamente em nosso trabalho de 1938); a extremidade da valva (figs. 7, 8, 10 e 11) é muito delgada e afilada, com a ponta voltada para dentro, opondo-se à extremidade da outra valva; as figuras mostram diversos aspectos de diversas valvas procurando-se evidenciar a porção dorsal lamelar das bases. As valvas apresentam pequenas variações no formato, particularmente nas extremidades (comparar as figuras).

Penis com cerca de 3 mm de comprimento; *aedoeagus* com a porção livre mais dilatada, com aspecto quase claviforme e a porção distal revestida de pequenos espinhos. *Vesica* muito grande, globosa, com curtos espinhos espalhados por toda superfície; *cornutus* com o formato de um grande e forte espinho, que mede cerca de 1,3 mm de comprimento e que ocupa situação lateral quando a *vesica* está distendida, ficando orientado longitudinalmente no *aedoeagus* quando a *vesica* está retraída, como mostram as figuras 14 e 15. *Juxta* muito alongada, quase a metade do comprimento do *penis*, com a *manica* muito desenvolvida, permitindo grande movimentação do *penis* (fig. 14).

DESCRIÇÃO DA ♀.

Examinamos apenas um exemplar ♀, o alótipo da espécie, n. 14.273 — I.O.C., admitida como sendo desta espécie pela sua proveniência geográfica, a mesma de uma boa série de machos de *chryso-gastra*.

CARACTERES CROMÁTICOS.

Extremamente semelhantes aos do ♂ (fig. 1, est. 1).

Cabeça, tórax e abdômen semelhantes aos do ♂; pernas com escamosidade preta mais acentuada do que o descrito para o ♂; faixa faixa marginal das asas muito estreita, havendo escamas amarelas disseminadas pelo tronco radial e subcostal, formando uma pigmentação amarela na porção costal da faixa marginal; há também escamas amarelas mesclando a escamosidade das nervuras Cu^1 , Cu^2 e M^1 ; há escamas amarelas na margem interna, escamas que se encontram também na faixa marginal até a altura de M^1 ; asa posterior semelhante à do ♂; ventralmente são as asas semelhantes às do ♂. No abdômen, há ventralmente um salpicado de escamas pretas pela

linha mediana, da base até os últimos esternitos, que são totalmente pretos.

CARACTERES MORFOLÓGICOS

Muito semelhantes aos do ♂, tendo aparência mais volumosa.

CABEÇA. Antena esquerda (a direita quebrada) com 65 artículos; as apófises são curtas, iniciam-se no artículo 3, sendo duas a partir do artículo 5, e atingem o máximo de desenvolvimento entre os artículos 20 e 35, quando medem cerca de 0,3 mm de comprimento (figs. 16 e 17), passando então a diminuir progressivamente, os últimos completamente sem apófises.

TÓRAX. Em tudo semelhante ao do ♂, com asas um pouco mais alargadas, mas com nervulação idêntica à do ♂.

ABDÔMEN. Aspecto mais encorpado do que o abdômen do ♂; termina por um curto tufo anal, pouco espesso, mais basto na porção dorsal.

GENITÁLIA. Com aspecto habitual, apresentado na figura 18; placas do ovipositor e placa vulvar simples; placa dorsal estreita; placas ventrais com um recorte característico, a direita com duas pontas agudas, a esquerda com um denteado separando as duas pontas (comparar nas figs. 18 e 19); apófises anterior e posterior habituais. *Bursa copulatrix* relativamente curta e em forma de pêra alargada (fig. 3, est. 3), apresentando *signi bursae* muito alongados e eriçados de espinhos fortes e curtos, sendo mais desenvolvido de um lado, como mostram os desenhos (fig. 4, est. 3).

MATERIAL ESTUDADO.

BRASIL. Estado do Amazonas: São Paulo de Olivença.

Col. L. Travassos, *Inst. Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro*:

Ns. 14.269 a 14.272, 14.323, ♂♂ — agosto, 1935.

Col. Departamento de Zoologia, *Secr. Agric. S. Paulo*:

Ns. 50.500 — 50.501, ♂♂ — agosto, 1935.

Col. A. Breyer, *Buenos Aires, Argentina*:

1 ♂ — agosto, 1935.

Rio Preto:

Col. L. Travassos, *Inst. Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro*:

Ns. 14.274 a 14.276, 14.321-14.322, ♂♂ — setembro, 1935.

N. 14.273, ♀, *allotypus* — setembro, 1935.

Col. Departamento de Zoologia, *Secr. Agric. S. Paulo*:

Ns. 50.502, 50.957, ♂♂ — setembro, 1935.

Col. A. Breyer, *Buenos Aires, Argentina*:

1 ♂ — setembro, 1935.

São Jerônimo (Rio Solimões):

Col. L. Travassos, *Inst. Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro*:

N. 1.960, ♂ — 13 janeiro 1938.

EQUADOR:

Col. Museu Nacional, *Rio de Janeiro*:

Ns. 71.315 — 71.316, ♂♂.

PERU:

Col. Museu Nacional, *Rio de Janeiro*:

Chanchamayo — N. 71.314, ♂.

Juaripuí (N. Peru) — N. 71.796, ♂.

Corematura postflava (Guérin, 1844).

HOLÓTIPO: ♂ ?, in Museu de Paris?

LOCAL. TIPO: Bolívia.

DISTR. GEOGR.: *Bolívia:* região tropical, Rio Goni — 400 m, e Prov. Chaporé — 400 m. *Brasil,* nos Estados de Mato Grosso e São Paulo (Itapura). *Argentina:* Prov. de Corrientes.

REFERÊNCIAS E SINONÍMIA:

Glaucopis postflava GUÉRIN, 1844, p. 501-502.

Dinia postflava KIRBY, 1892, p. 152, n. 6 (cit. sin. & geog.).

COMENTÁRIOS. Após Kirby, 1892, foi esta espécie considerada por Hampson, 1898, como sinônima de *C. chrysogastra*, em virtude de sua grande semelhança cromática, e por falta de satisfatório exame de seus característicos morfológicos.

Os exemplares provenientes da Bolívia — morfológicamente diferentes dos da região amazônica — nos levam a considerá-los como da espécie de Guérin, e os aproveitamos, com os de outras localidades, para redescrevê-la, evidenciando suas diferenças morfológicas, se comparadas com as da espécie de Perty.

Devido à reconsideração de *postflava* como boa espécie, é que retiramos das referências a *chrysogastra* feitas por Hampson, 1898, Zerny, 1912, e Draudt, 1915, a indicação "Bolívia", como se acha páginas atrás, quando estudamos essa espécie.

Contudo, seria necessário o exame do tipo de *postflava* para esclarecer, com absoluta certeza, identidade do nosso material com o de Guérin; tal possibilidade se acha fora de nosso alcance, e não sabemos mesmo se isso será possível algum dia, pois há dúvidas sobre a existência do material de Guérin, provavelmente no Museu de Paris.

DESCRIÇÃO DA ♀.

Colorido Geral: Dorsalmente preto, com linhas e manchas amarelas. Asas transparentes. Ventralmente amarelo. Abdômen com manchas vermelhas lateralmente. Tufo anal preto, bem desenvolvido.

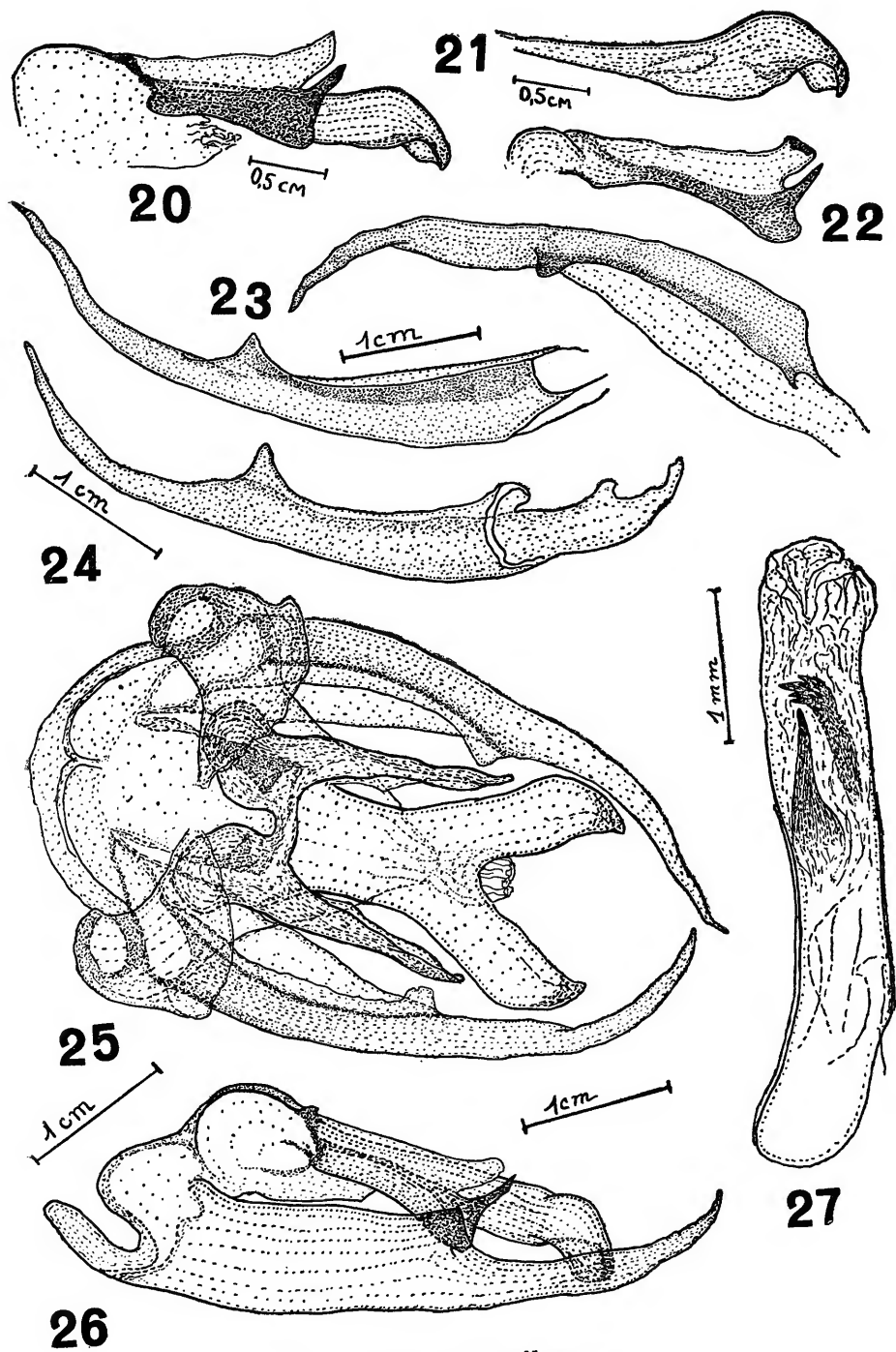
Dimensões Gerais:

Ex. n.º:	Comprimento por largura, em mm:					
	Cabeça	Tórax	Asa anterior	Asa posterior	Abdômen	Compr. total
♂ 50.498 — D.Z.	1,6 x 2,7	4,5 x 3,8	17,0 x 7,0	10,0 x 4,0	14,6 x 4,0	± 21 mm
♂ 50.956 — D.Z.	1,6 x 2,5	4,8 x prej.	17,0 x 6,8	9,5 x 3,5	11,8 x 3,0	± 18 mm
♂ Corrientes, col. Breyer	1,3 x 2,4	4,5 x prej.	16,2 x 6,0	8,5 x 3,2	10,0 x 2,5	± 16 mm

CARACTERES CROMÁTICOS.

A descrição é baseada no ex. n. 50.498 — D.Z., e as variações comentadas em seguida.

CABEÇA. Vertex preto com uma mancha triangular amarela, que não atinge a linha de inserção das antenas, e cujo vértice está voltado para o tórax. Fronte largamente margeada de amarelo, cercado a porção mediana preta. Gena e região post-ocular amarelas. Antena preta. Olho preto, ocelo claro. Palpo com o primeiro artigo completamente amarelo, segundo amarelo com faixas pretas laterais afi-



Corematura postflava, ♂ :

- Fig. 20 — Ex. Breyer, de Corrientes: vista lateral do décimo tergito e da expansão do nono.
 " 21 — n. 50.956 — D.Z.: Vista lateral da extremidade do décimo tergito.
 " 22 — n. 50.956 — D.Z.: Vista lateral da expansão do nono tergito.
 " 23 — n. 50.499 — D.Z.: Valvas direita e esquerda.
 " 24 — Ex. Breyer, da Bolívia: valva esquerda.
 " 25 — Ex. 50.499 — D.Z.: Vista dorsal da genitália, sem o *penis*.
 " 26 — Ex. 50.499 — D.Z.: Vista lateral da genitália, sem o *penis*.
 " 27 — Ex. 50.498 — D.Z.: *Penis*, com a *vesica* retraída.

ladas para a base, mas que não chegam a atingir o primeiro artículo; terceiro pequeno, preto, como remate das faixas pretas laterais do artículo precedente, com discreta escamosidade amarela na frente, em continuação ao amarelo do artículo precedente.

TÓRAX. Dorsalmente preto, com uma linha amarela mediana, muito larga atrás, principalmente no escutelo; há uma rala escamosidade amarela por baixo da extremidade da tégula, acima das inserções das asas. Lateralmente o tórax tem escamosidade amarela, por vezes intensa, principalmente junto à inserção das asas, havendo, de permeio, grupos de escamas pretas, de difícil observação. Patágia preta, com duas manchas amarelas na borda anterior, uma externa, outra que ocupa também a borda interna, mancha esta contígua à da patágia oposta, simulando uma mancha única, mediana. A mancha externa é situada no ângulo anterior externo, ocupando-o largamente, e está em continuação com o amarelo da região post-ocular. Tégula com a porção anterior externa amarela, colorido que se expande pela borda anterior, e se continua por uma linha que percorre a tégula medianamente em todo o seu comprimento, formando linha amarela paralela à linha mediana do tórax; o braço da tégula termina por longas escamas amarelas, em contiguidade com o amarelo da porção látero-inferior do tórax. As pernas são predominantemente amarelas, e o exemplar mostra-se um tanto descamado; há escamosidade preta discreta nos tarsos, mais evidente nos tarsos posteriores.

Asa anterior transparente, a membrana com tom amarelado e as nervuras com escamosidade preta; a faixa marginal preta é bem nítida a partir de pouco mais da metade da borda anterior, contornando a asa até a área anal; na base da asa junto à inserção, há um pequeno ponto amarelo irregular. Face inferior da asa também com escamosidade preta nas nervuras e em toda faixa marginal, havendo escamosidade amarela na base da asa e base do retináculo. Na margem interna há uma mancha amarela, que se prolonga até mais ou menos a metade da margem interna, junto à nervura anal. Asa posterior transparente, membrana ligeiramente amarelada e as nervuras com escamosidade preta; a base da asa é amarela, com uma rala escamosidade amarela distribuída pela área costal até quase a nervura transversal; área anal completamente preta. Ventralmente a faixa marginal é preta, tendo na área costal uma rala escamosidade amarela, mais intensa na base, diminuindo discretamente para o ápice sem atingi-lo. Área anal é amarela desde a origem do tronco cubital e prega membranosa posterior, bem como toda a margem interna, inclusive as longas escamas da franja terminal.

ABDÔMEN. Porção dorsal predominantemente preta. Na linha mediana há manchas amarelas dispostas até o tergito 7, que formam, nos primeiros uma linha; dos tergitos 4 a 6 as manchas são mais arredondadas, ocupando mais da metade de cada tergito; no 7 o amarelo é reduzido a pequena mancha na porção central do tergito. Também há amarelo na metade inferior do *tympanum* e na porção látero-inferior proximal do segmento 2; o amarelo existe ainda na confluência tergo-external dos segmentos 5 e 6. Há escamosidade vermelha largamente expandida na metade látero-distal do segmento

2, e formando larga área lateral, que vai desta porção do tergito 2 ao 6. A escamosidade preta envolve as manchas amarelas medianas expandindo-se nas margens distais de cada segmento, recortando as manchas vermelhas laterais já descritas.

Face ventral uniformemente amarela até o esternito 7, onde há uma pequena mancha preta mediana, mesclada por escamas amarelas; o amarelo ventral mescla-se de certo modo com o vermelho das porções laterais, ao nível da linha tergo-esternal. Tufo anal preto dorsal e lateralmente; ventralmente com uma mescla de escamas amarelas mais agrupadas lateralmente.

VARIAÇÕES. Os demais exemplares desta espécie, que nos foi possível reunir, são semelhantes ao exemplar descrito, havendo variações principalmente nas manchas amarelas dorsais e nas vermelhas laterais do abdômen; comentaremos a seguir as principais variações que apresentam os diversos espécimes. O colorido amarelo do tórax e apêndices pode ser intenso, quase alaranjado.

Ex. 468, Col. A. Breyer: as pernas, si bem que amarelas, tem maior escamosidade preta que o descrito, principalmente na perna posterior. As manchas amarelas dorsais existem até o segmento 7 do abdômen, sendo digno de nota que a mancha do tergito 7 é bem maior do que as três anteriores. O colorido vermelho, reduzido no segmento 2, é muito espalhado para trás, ocupando larga área, dos segmentos 3 a 6. Ventralmente o abdômen é uniformemente amarelo até o esternito 7, havendo neste ligeira escamosidade preta. O tufo anal preto, tem poucas escamas amarelas na sua porção inferior.

Ex. de Corrientes, Col. A. Breyer: as pernas são bem amarelas, e a escamosidade preta está praticamente limitada à perna posterior. O abdômen apresenta manchas amarelas dorsais só até o tergito 6, faltando a do tergito 7. O colorido vermelho lateral do abdômen é bem intenso na porção inferior da margem distal do segmento 2, e muito intenso nos segmentos 3 a 5; no segmento 6 a escamosidade vermelha é marchetada por escamas pretas.

Ex. 50.956 — D.Z.: dorsalmente o abdômen apresenta manchas amarelas até o tergito 7. A mancha vermelha lateral ocupa uma estreita faixa na margem distal do segmento 2, e se expande amplamente dos segmentos 3 a 6.

Ex. 50.499 — D.Z.: bem semelhante ao 50.498, apenas as manchas amarelas dorsais do abdômen são menores do que neste.

CARACTERES MORFOLÓGICOS

CABEÇA. Com aspecto habitual, em tudo semelhante à de *C. chrysogastra*. Antena com cerca de 13 mm de comprimento e cerca de 58 artículos; cada artículo, a partir do terceiro basal apresenta um par de apófises discretamente claviformes, que atingem o máximo de comprimento entre os artículos 15 e 30, quando chegam a medir cerca de 0,85 mm de comprimento; diminuem então progressivamente até a extremidade, os últimos desprovidos de apófises. Cada apófise apresenta uma pequena cerda terminal, uma subterminal e ainda outra mediana, além de discreta pilosidade por toda ela; palpos com aspecto habitual, sendo o artículo mediano o maior, o terceiro e último muito reduzido e discretamente voltado para a frente e completamente envolvido pela escamosidade própria.

TÓRAX. Patágia e tégula habituais. Pernas com aspecto habitual, tarsos com garras fortes, cada garra com forte dente na metade basal. Tibia da perna anterior medindo cerca de 3 mm de comprimento, a epífise medindo cerca de 1,5 mm de comprimento; tibia média com cerca de 4,2 mm de comprimento e o par de espinhos apicais medindo cerca de 0,6 mm de comprimento; tibia posterior medindo cerca de 5,6 mm de comprimento e os espinhos, tanto apicais como os sub-apicais, com cerca de 0,65 mm de comprimento (medidas do ex. n. 50.498 — D.Z.). Asas transparentes, aspecto e nervulação de ambas as asas como em *C. chrysogastra*.

ABDÔMEN. Habitual. Órgão odorífero em tudo semelhante ao de *C. chrysogastra*.

GENITÁLIA. Complexa e forte. Décimo tergito (*uncus* dos AA) alongado e grosso, com o formato de um grosso Y, por ser dividido em dois fortes processos, cada um terminando por porção escavada inferiormente, como mostram as figuras 20 e 21. Nono tergito (*tegumen*) complexo, incurtado e chanfrado na base, apresenta um par de longas expansões projetadas para trás, que ladeiam o décimo tergito, como que abraçando-o; cada expansão tem a porção inferior mais esclerosada e mais comprida, terminando em ponta afilada, dirigida para cima, tendo o lado oposto terminado em ângulo reto ou formando uma saliência como um calcanhar. Sobre esta porção mais esclerosada, assenta-se a porção superior, delicada, quase transparente, com aspecto membranoso e que termina por uma larga ponta, também dirigida para cima e paralela à porção afilada da porção inferior. As figuras 20, 22, 25 e 26 mostram detalhes e aspectos destas expansões, e a situação do décimo tergito. Tanto o décimo tergito, como estas expansões do *tegumen*, apresentam pequenas variações nas suas extremidades. *Vinculus* encurtado dorso-ventralmente, tem o aspecto que mostram as figuras 25 e 26. *Saccus* muito curto e delicado, pode ser visto também nas figuras 25 e 26. Valva com a metade basal alargada no sentido dorso-ventral, e essa porção é côncava na parte interna, de tal modo que a parte dorsal é quase laminar, e em vista dorsal parece ser uma delgada e comprida lâmina implantada sobre a base da valva, simulando uma harpa, como mostram as figuras 23, 24 e 25 do texto, e figura 2 da estampa 4; a extremidade da valva é muito delgada e afilada, com a ponta voltada para dentro, opondo-se à extremidade da outra valva. As figuras mostram diversos aspectos de diversas valvas, procurando-se evidenciar a porção dorsal lamelar, que ocupa a metade basal, e as discretas variações no formato das pontas. Também a posição dorsal lamelar assume aspecto variado de acôrdo com a inclinação dada à peça ao ser observada. *Penis* com cerca de 4 mm de comprimento, *aedoeagus* com a porção livre pouco dilatada, e a extremidade distal revestida de pequenos espinhos; *vesica* muito grande, globosa, com curtos espinhos espalhados pela superfície, *cornutus* com o formato de forte e grande espinho, que mede cerca de 1 mm de comprimento e que ocupa uma situação lateral quando a *vesica* está distendida (fig. 1, est. 4), ficando orientado longitudinalmente no *aedoeagus* quando a *vesica* está retraída (fig. 27); além do *cornutus*, há na região a êle oposta, uma área esclerosada, constituindo uma placa eriçada de grandes espinhos, com o aspecto peculiar que mostra a figura 1 (est. 4); esta placa



Corematura chrysogastra:

- Fig. 1 — ♂, n. 71.796 — M.N.: Saco odorífero, posição de repouso. Aum. 50 x.
" 2 — ♂, n. 50.957 — D.Z.: extremidade do saco odorífero distendido. Aum. 70 x.
" 3 — ♀, n. 14.273 — I.O.C.: Bursa copulatrix. Aum. 31 x.
" 4 — ♀, n. 14.273 — I.O.C.: Signi bursae (explicação no texto).

ESTAMPA 4



Corematura postflava:

Fig. 1 — ♂, n. 50.956 — D.Z. : *Vesica distendida*. Aum. 53 x.

Fig. 2 — ♂, Col. Breyer, de Corrientes; *Valvas, juxta e penis*. Aum. 20,8 x.

espinhosa, quando a *vesica* está retraída assume uma posição mais ou menos paralela ao *cornutus*, como mostra a figura 27. *Juxta* muito alongada, quase a metade do comprimento do *aedoeagus*, com a *manica* muito desenvolvida, permitindo grande movimentação do *penis*, como mostra a figura 2 (est. 4), na qual tanto a *manica* com a *vesica* estão extrovertidas.

MATERIAL ESTUDADO.

Col. Alberto Breyer, Buenos Aires, Argentina:

BOLÍVIA: Prov. Chaparé — 400 m: 1 ♂.

ARGENTINA: Prov. Corrientes: 1 ♂.

Col. Departamento de Zoologia, Secr. Agricultura, S. Paulo:

BOLÍVIA: Rio Goni — 400 m: N. 50.956, ♂ — 9 julho 1942 (A. Breyer).

BRASIL: Estado de Mato Grosso: N. 50.498, ♂.

Estado de São Paulo — Itapura: N. 50.499, ♂.

DIAGNOSE DIFERENCIAL.

Como se pode ver, comparando os caracteres cromáticos das duas espécies, não é possível separá-las por êste meio.

Parece haver, de um modo geral, uma maior predominância do colorido amarelo em *C. postflava*; assim as manchas amarelas dorso-abdominais em quatro dos exemplares examinados estão presentes até o tergito 7, e no exemplar restante até o tergito 6. Em *C. chrysogastra* a maior parte dos exemplares possui manchas amarelas dorso-abdominais nos tergitos 1 a 4, havendo mesmo um exemplar com amarelo só até o tergito 2; contudo há outro exemplar no qual as manchas amarelas alcançam o tergito 7, embora representada por poucas escamas (ver as "Variações" cromáticas de ambas as espécies).

Orientação mais segura poderá dar a proveniência geográfica aliada à marcação amarela comentada. Sendo um exemplar proveniente da Bolívia para o Sul, com grande aparência da côr amarela, será lícito supor tratar-se de *postflava*; ao contrário, do Perú para o Norte, incluindo naturalmente a região amazônica, com a côr amarela mais discreta, de acôrdo com o comentado, é muito provável tratar-se de *chrysogastra*.

A separação radical é feita com grande facilidade pelo simples confronto da *vesica* do *penis*; nos machos de *postflava*, a *vesica* apresenta uma grande placa espinhosa, muito característica, oposta ao *cornutus*, ao passo que em *chrysogastra* a *vesica* é simples, havendo unicamente o *cornutus*, que se apresenta bem desenvolvido em ambas (comparar as figuras 14, 15 e 27 — texto, e fig. 1, est. 4).

Além desta simples comparação das *vesicas* temõs outra, que consiste no confronto da borda laminar da porção dorsol-basal das valvas; em *chrysogastra* essa porção laminar é muito curta, ao passo que em *postflava* atinge cerca de metade da valva (comparar as figs. 8, 12 e 23, 24, 25).

As terminações do grosso Y formado pelos processos terminais do décimo tergito, também se prestam para separar as espécies em discussão; em *postflava* êsses processos terminam por largas pontas escavadas inferiormente, e em *chrysogastra* as extremidades são orientadas verticalmente, terminando em pontas agudas, em geral duas, às vezes uma (comparar as figs. 7, 9, 13, 20 e 21).

Outras diferenças menores existem, e que podem ser observadas pelo confronto das figuras apresentadas. Do exposto conclue-se que na realidade apenas os característicos morfológicos da genitália permitem fácil e rápida distinção das espécies aqui consideradas. Nada podemos adiantar quanto às fêmeas, pois só examinamos uma, de *chrysoastra*.

Dada a grande diferença de número de exemplares das duas espécies que pudemos obter para estudo, pode supor-se que *postflava* não é espécie muito frequente, o que também serve, de certo modo, para diferenciá-la de *chrysoastra*, abundante na região amazônica; considerando-se seu porte relativamente grande e os seus belos característicos cromáticos, fosse *postflava* espécie frequente e certamente seria bem representada nas coleções de material do Sul como o é *chrysoastra* nas coleções de material do Norte.

BIBLIOGRAFIA

- BUTLER, A. G. — 1876 — Notes on the Lepidoptera of the Fam. *Zygaenidae*. *J. Linn. Soc. London, Zool.*, 12: 342-407, ests.
- DRAUDT, M. — 1915 — *Syntomidae* in Seitz, G. Schmett., II, 6: 33-230, pls. 9-31 (ed. francesa).
- GUÉRIN-MÈNEVILLE, F. — 1844 — Iconographie du Règne Animal, Insectes, 576 pp., 104 ests.
- HAMPSON, G. — 1898 — Cat. of *Syntomidae* in coll. Brit. Mus. *Cat. Lep. Phal.*, 1: 537 pp., 17 pls.
- HORN, W. & KAHLE, I. — 1936-1937 — Über entomologische Sammlungen, Entomologen und Entomo-Museologie. *Ent. Beihefte Berlin-Dahlem*, 2-4: 536 pp., ests.
- KIRBY, W. — 1892 — Syn. Cat. Lep. Heterocera, London, 1: 951 pp.
- PERTY, M. — 1834 — Delectus Animalium Articulorum, pp. 155-165, ests. 29-31.
- TRAVASSOS, L. — 1938 — Contribuição ao conhecimento dos *Euchromiidae*. I. Gênero *Desmotricha* Hampson, 1911. (Lep.). *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, R. Janeiro, 33 (1): 39-48, 7 ests.
- TRAVASSOS FILHO, L. — Contr. ao conhecimento dos *Euchromiidae*. II. Gênero *Corematura* Butler, 1876 (Lep.). *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, R. Janeiro, 33 (2): 259-262, 5 ests.
- WALKER, F. — 1856 — List Lep. Ins. Br. Mus., 7: 1509-1809.
- WALKER, F. — 1864 — List Lep. Ins. Br. Mus., 31 (Suppl. 1) 321 pp.
- ZERNY, H. — 1912 — *Syntomidae*. *Lep. Cat.*, Junk, 7: 179 pp.

ABSTRACT.

In this paper a redescription is presented of the ctenuchid genus *Corematura* Butler, 1876, and of its two species *C. chrysoastra* (Perty, 1834) and *C. postflava* (Guérin, 1844).

C. postflava was originally described from Bolivia, and *C. chrysoastra* from the Amazon valley. None of the types were not seen, but it was found that Bolivian and Amazonian specimens, although practically identical in colour, consistently differed in characters of the genitalia. This led to the consideration of *C. postflava* as a valid species, distinct from *C. chrysoastra*, with which it had been previously synonymized.

A third species (*aliaria* Druce, 1890) until now included in the genus *Corematura*, is here separated from it, and will be the subject of a future note.